

NEM TANTO VIGIAR, NEM TANTO PUNIR: VOZES DE INTERNAS DO COLÉGIO DAMAS DE NAZARÉ DA MATA-PE (1934-1938)

Ramsés Nunes e Silva
Mestre em História da Educação- UFPB-PPGE

RESUMO: As circunstâncias de embate da cultura secular e confessional são historicamente complexas. Principalmente se observarmos a realidade brasileira. Na dimensão de transição propiciada pela República e seus símbolos laicistas, muito da capacidade de resistência das esferas confessionais, incluindo os colégios, foram chamados a se colocarem frente à “modernidade”. Todo um universo sagrado-confessional passaria a lidar com signos de uma mundanidade ameaçadora. Nossa pesquisa se lança sobre as instâncias em que vivências particulares, de três estudantes internas podem acabar por elucidar a manifestação de processos que denotam não só rompimento com a ordem secular, a partir de paradigmas específicos, mas também adaptação e coexistência entre simbolismos representativos de uma especificidade.

Palavras-chave: História da educação. Secularização. Internatos.

As diversas representações historiográficas (GOFFMAN, 1987, p.23-24) , (BENELLI, 2002, p.20-31) , (NISKIER, 1999, p.230-240) , (CAMBI, 1998, p.420-435) e cristalizações que elaboram a instrução confessional como cimentadas pela tradição e, por si só, manifestação educacional que seria necessariamente retrógrada e coercitiva, podem não resistir a uma problematização que seja constituída pela busca de novos olhares para os partícipes do universo que se constitui no que chamamos de *instrução colegial de confinamento* .

Esse mesmo, espaço mostra-se atuante no conflito cultural representativo da transição entre os séculos XIX e XX. Uma das possibilidades é perceber em que *fresta* dos muros da “educação de confinamento” também se manifesta a modernidade e como sua *filha* – a secularização de costumes, práticas e simbologias - manteve a “chave de contato” entre os mundos sagrado e profano (ELIADE, 1993, p.120) . Universos que se apresentariam à construção da cultura escolar imbricados ou teriam no âmbito das esferas sociais a marca da dicotomia entre os respectivos universos de instrução.

Existiria, por exemplo, num internato, factualmente, uma cultura escolar intramuros e outra de caráter externo? Uma tarefa que nosso artigo tenta iniciar num outro olhar, lançado sobre esse apartamento, a partir de documentação escrita e oral. Esta última capaz de dimensionar outras respostas para a “estética” da escola-internato, captando vivências, a partir de memórias

(ALBERTI, 2006, p.20-39) , mais diversas (THOMPSON, 1999, p.120-140) , não percebidas pela cultura historiográfica educacional. Cultura esta que aborda timidamente o internato enquanto categoria educacional.

É inegável que o embate entre os universos *confessional* e *mundano* postulado pela intelectualidade brasileira teve um longo percurso ao longo dos primeiros anos da República e durante os anos 20 e 30, como problematizam Barros (1995. p. 231-324) , Hilsdorf (2005, p.33-55) , e Schwartzman (1986, p.12-36) . Todo um arcabouço de postulados voltados para a defesa da esfera de ensino religioso e secular-laico se manifestaria firme durante décadas (SILVA, 2006, p.10-120) .

À Igreja Católica ultramontana (LOMBARDI, 2004, p.20-34) , logo na seqüência da promulgação da Constituição de 1891, cabia tentar construir *barricadas* que pudessem dar combate à secularização da instrução, disposta pelo Estado laico republicano. Nosso olhar se lança não exatamente para a manifestação mais aparente desse embate, mas para a possibilidade de pensar como ambas as esferas - secular e confessional - podem se manifestar híbridas.

Para tanto, escolhemos os espaços que a historiografia identifica como de manifestação da tradição e, por tabela, de um confessionalismo-tradição-atraso que se constituiriam nos espaços de instrução de confinamento. Os colégios mantidos por ordens religiosas se encaixariam firmemente nessa categoria? Acreditamos que não totalmente. Daí preferimos cruzar a documentação relativa a essas instituições e os relatos orais de uma tríade de irmãs que conviveram em uma instituição religiosa de instrução durante os anos 1930.

No caso, o Colégio Santa Cristina, pertencente às Damas da Instrução Cristã, e, mais especificamente, a família Araújo Pereira originária da cidade de São Vicente Ferrer na Zona da Mata pernambucana. A família teve três jovens internas naquela instituição de instrução.

Essa escolha está cimentada pela possibilidade de identificar as construções engessadas sobre a categoria dos internatos, enquanto instituições de ensino retrógradas ou, única e exclusivamente, de punição. Nem tanto, notadamente, vigiar e punir, mas adequar à modernidade instrucional *mantendo* tradições se mostraria uma opção dos colégios confessionais como os da instituição Damas.

As possibilidades de inquirição, a partir das fontes pesquisadas, apontam: se não intentavam os colégios romper modelos, pois, catolicamente, se mantinham voltados para a Santa Sé, os adequavam, a fim de fazê-los funcionar em um mundo cada vez mais “mundano”.

A República que se instalou em 1889 definiu uma política fortemente influenciada pelo *habitus* positivista no que diz respeito ao modelo a ser adotado para a instrução pública (NISKIER, 1999, p. 34) , (HILSDORF, 2005, p.57-67) , (MOURA, 1999, p.124-150) . Notadamente a Igreja, embora não tenha entrado em combate imediato em relação à República enquanto

sistema (KULESZA, 2006, p.23) , reagiu na medida do possível à decretação de um *corpus* laicista para a instrução de Estado.

Uma solução foi o “investimento” - tanto intelectual quanto material - na ação direta de instalação das Instituições religiosas-educacionais no Brasil, aspecto que remonta à primeira metade do Oitocentos (MANOEL, 1996, p.10-35) .

Este é o caso das Damas da Instrução Cristã, na tentativa de “socorrer” parcela das elites que passariam a ter contato direto com o que se chamava, à época, de “indiferentismo religioso” (HENRIQUES, 1900, p.12) . Evidentemente, caso estudassem as elites dentro dos novos preceitos laicos instrucionais. São inúmeras as encíclicas papais produzidas nas décadas finais do Oitocentos e três primeiras décadas do século XX.

Uma instituição, três vivências: as Damas da Instrução Cristã em Pernambuco

As Damas da Instrução Cristã – enquanto congregação religiosa voltada para a instrução católica - são originalmente européias. Tiveram como fundadora a religiosa Agathe Verhelle, na Bélgica, em 1838, daí se expandindo para o Brasil no ano de 1896 com a chegada a Pernambuco de missionárias que objetivavam fundar uma instituição educacional (CÂMARA, 1996. p.8-15) . Exatamente no período de embate intelectual entre confessionalismo e secularismo. É perceptível entre os objetivos oficiais definidos pelo Papa Pio XIII a fundação de um colégio no Brasil, modelo de confinamento instrucional (MESQUITA, 1996, p.25) . Nesse ano essas religiosas se instalaram em Olinda com apoio das elites agrárias locais.

Em seguida construíram o colégio no bairro recifense de Pont`Uchoa daí se expandindo para o interior de Pernambuco e Paraíba nas décadas seguintes. Respectivamente: Colégio Santa Cristina, em Nazaré da Mata (1922); Santa Maria, em Timbaúba (1922); Colégio Nossa Senhora da Graça, em Vitória de Santo Antão (1928); e Colégio Imaculada Conceição, em Campina Grande (1931).■

Tendo sempre a perspectiva de que para os historiadores “em nenhum caso, o que os historiadores chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas sempre, incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por telekmeria, por indícios” (VEYNE, 1998 p.18) , nossas observações de pesquisa se constituem a partir de um olhar sobre as vivências de alunas e professoras do colégio Santa Cristina, instalado em Nazaré da Mata.

O ano escolhido é 1934, a partir da matrícula de Consuelo de Araújo Pereira, e nos anos seguintes de Cimodocéa Araujo Pereira (1935) e Inês de Araújo Pereira (1936-1940). Todas, à época, pertencentes a uma família de fazendeiros da pequena cidade de São Vicente Ferrer .

Suas recordações enquanto partícipes de manifestações do tempo histórico e da cultura escolar de um período de suma importância para a compreensão do universo instrucional (os anos 1930) são constituídas por documentos escritos pessoais e por uma série de entrevistas

realizadas com as irmãs remanescentes, neste caso, Consuelo Araújo Pereira e Inês Araújo Pereira, estando o relato de Cimodocéa de Araújo Pereira corroborado por seus cadernos de anotações pessoais e pelos relatos das irmãs.

A análise dos depoimentos produzidos como estudantes de uma instituição escolar católica também devem ser problematizados como dentro de um modelo escolar específico. Embora, neste caso, ainda não tenha sido construída uma satisfatória problematização historiográfica dos internatos enquanto categoria histórica.

Ora, mesmo que a produção das pesquisas na área da história da educação tenha avançado nas últimas décadas (VIDAL, 1999, 37-70) é necessária ainda certa problematização feita por educadores e historiadores: a categorização teórica do modelo de instrução de confinamento, conhecida como internato. Exceção talvez seja feita para o campo da Psicologia Social. É nessa área que alguma perspectiva inicial de definição é realizada, timidamente. Para Benelli (2002, p.2) problematizando os internatos a partir de Goffman (1987, p.15-25):

A vida no contexto institucional de uma instituição total tende a se caracterizar por um alto grau de agressividade e, inclusive, de violência. Uma equipe dirigente arrogante e autoritária pode criar uma vida marcada por uma violência surda e cotidiana, tornando-se incapaz de explicar, controlar ou perceber sua própria implicação na produção de semelhante estado de coisas (BENELLI, 2002, p.20) .

Já para o próprio Goffman (1987, p.23) , quando se leva em consideração os internatos, deve-se pensar no que ele chama de *instituições totais*. Contraponto à modernidade, verdadeiras estruturas de confinamento presas a regras de convivência que são rígidas e, se possível, eliminadoras das liberdades individuais a partir de uma autoridade homogeneizadora.

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem plano racional geral. **O aspecto central das instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas da vida.** Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade (GOFFMAN, 1987, p. 17. Grifos nossos).

Essa disposição teórica pode ser fixada dentro de uma factualidade imprescindível na percepção do que representa uma instituição de ensino confessional em seu *corpus doutrinal*, onde estão conceitos tais como o disciplinamento do corpo e das idéias, que nos diga e alerte Foucault (2004, p.23) . Essa discussão ainda não está definida. Seria assim, o colégio interno, ou instituição de confinamento, uma força que só produz simbolismos dicotômicos entre o pátio interno do colégio e o mundo profano? Esse *habitus* de completo afastamento dos modelos educacionais de ensino católico, da modernidade, e, daí, da secularização que se avizinhava, não é tão simples. As representações não estão alicerçadas só pelo estranhamento, mas pela adaptação.

Haja vista a circulação de signos seculares na manifestação de disciplinas, na equiparação dos colégios ao modelo do Ginásio Nacional (positivista), na participação de alunos (as) em

movimentos políticos, no encaminhamento de uma instrução normalista e na integração dos colégios às normas de mercado instrucional a partir da mídia jornalística, os muros não pareceriam tão altos se observarmos como estão construídos.

Existe sim um *vigiar e punir* na representação coercitiva percebida historicamente por Foucault (2004, p.120-145) e Deleuze (2005, p.219-226) para a condição de internos em instituições tais como os colégios confessionais. Essa manifestação é muito semelhante à construção de um disciplinamento real das vivências educacionais ou instrucionais.

Daí a factualidade das experiências que são dispostas para as instituições brasileiras de educação. Todavia, para as inquiuições quanto à memória vivida nesses espaços, pode-se chegar a novas percepções das cristalizações de pesquisas construídas. A oralidade pode distender rumos (THOMPSON, 1999, p.120) .

É esse o método escolhido por nossa abordagem para uma aproximação comparativa a ser construída para compreender a cultura escolar dos internatos. Como nos aponta Alberti, (2006, p.165) : “entender como pessoas e grupos experimentavam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos”.

Ora, à medida que lançamos luz sobre a memória da experiência discente num internato, certas vozes sobre os fenômenos educacionais e sobre a própria cultura escolar, na perspectiva que nos aponta Julia (p.11-16) , são dimensionadas por esferas que o reavivamento enquanto particularidade diluída na temporalidade *apresenta*. Nuanças de um passado firme no *lembrar*, mas em migalhas (DOSSE, 2003, p.10-120) .

Podemos lançar um olhar para a materialização da experiência discente constituída por três estudantes de uma mesma instituição a partir de uma série documental que se constitui de importância exatamente pela possibilidade de cruzamento entre disposições de fontes que são diferentes. Ora, iconográficas e manuscritas, por exemplo. No caso aqui abordado, fotos que aludem ao colégio Santa Cristina (localizado em Nazaré da Mata, Pernambuco) diários pessoais e relatos de suas alunas.

A família a qual nos dispusemos pesquisar, e da qual são originárias as estudantes objetos de nossa problematização sobre os internatos é de importância no quadro político oligárquico, da qual fazia parte o coronel João de Araújo Pereira, chefe político da cidade de São Vicente Ferrer, Zona da Mata pernambucana, entre os anos de 1920-1930.

É desse líder político local que são filhas Consuelo Araujo Pereira, Cimodocéa Araújo Pereira e Inês Araújo Pereira. Se observarmos o que discutem Montenegro (1994, p.9-23) e mais recentemente Alberti (2005, p.29-40) sobre a possibilidade de análise dispostos pela oralidade, seus relatos se constituem em fontes consideráveis para nossas inquiuições.

Inicialmente, entretanto, é a partir das memórias do *livro de anotações* de Cimodocéa Araújo Pereira que surgem alusões ao que Foucault (2004, p.123) delimita como sociedade disciplinar. Universo simbólico em que a esfera coercitiva e opressora do espaço instrucional aparece de

maneira mais contundente. Ali não existiria espaço para a instrução moderna e tributária da secularização de costumes. Tal documento é conciso. Relato na forma poética e extremamente perspicaz da visão de uma aluna de 13 anos sobre características do universo simbólico do colégio Santa Cristina em meados de 1938:

Um dia passado num colégio. Manhã triste. O sol tem manhas de rapaz. Finge-se indiferente para ser esperado. Um fino raio de luz, cõa-se pelos cílios das nuvenzinhas, e vem olhar as meninas quietas sonhando pra fora dos muros. A preguiça é enorme! Tudo no mundo começa diferente para terminar igual. Um mal humor espantoso. Passa-se o dia na mesma rotina. Temos vontade de ser mais ruins, para um dia ser melhores. **Olhamos espantadas a impossibilidade de tudo aqui** (CIMODOCEA, 1938, p.3, códice, grifos nossos).

Nada mais definitivo no olhar de um partícipe de um processo instrucional do que a capacidade de percepção do cotidiano a partir de um olhar e representação literários, mas que dispõem de uma criticidade das simbologias que a cercam. Em seu olhar, Cimodocéa completa:

O mesmo silêncio igual rumor. Como sempre não falta uma menina a chorar de olhos abertos, fitando a irmã a espera dum conselho. Uma ali, joga os cabelos num gesto de rainha. A outra olha triste por fora do muro esperando um João ninguém. Esse não falta. Sentado na relva espera pose poética, e olha desconsolada a menina dos seus olhos aprisionada. Suas galerias, tristes sombrias, parecem prisões de princesas mouras. As freiras que passam silenciosas. Março, 1938. (CIMODOCEA, 1938, p.4, códice)

A recordação da aluna Cimodocéa Araújo Pereira entra exatamente pela observação do espaço instrucional como uma clausura propícia ao enfrentamento entre o sagrado que se mantém fixo pela rigidez e disciplina e a liberdade definida pelo espaço aquém dos muros do colégio para quem sua percepção elege a seara do movimento e da libertação.

A aluna interna era a segunda das irmãs que se encontravam na instituição escolar das Damas Cristãs, já fazia dois anos. No mesmo colégio já estava sua irmã mais velha, Consuelo Araújo Pereira. Das irmãs que se vincularam à instituição em Nazaré da Mata, é de Inês Araújo Pereira a elaboração de um olhar preciso sobre o internato, definindo os paços para o vínculo das irmãs com aquela instituição confessional:

O colégio já tinha tido outras pessoas que falaram com mamãe... e mamãe aí botou Consuelo e umas primas nossas. Primas legítimas de lá... [...] Eu fui para o internato em 38... Consuelo eu não sei se 34, Consuelo e Cea, as duas... Quando elas saíram aí Consuelo ficou ainda ficou mais um ano porque queria ser freia, mas não tinha idade (INÊS A. PEREIRA, 01/04/2008).

É também a partir de sua vivência como ex-interna que se lembra de uma *passagem* quase ritualística que representava a partida e o rompimento das futuras alunas com a proteção familiar. A elaboração do enxoval da futura interna construía o primeiro vínculo com a escola, normatização que se manifestava no uniforme, nas peças de vestuários (as mais diversas) e na própria disposição do envolvimento materno com a partida dos filhos (as).

Quando foi pra Consuelo a gente tinha uma mala que antigamente era de madeira...mas muito bem feita... então ali se botava todo enxoval...Era doze ou era vinte quatro, duas dúzias de meias compridas, combinação...não sei se você conhece [...] Aquela mala completamente cheia...duas saias, um vestido... Quem fazia era as mães. Lençol até pra tomar banho...Pra tomar banho com cortinado, [...] a gente naquele tempo comunicava a gente: vocês vão pro colégio... O colégio era grandioso a gente entrava num outro ar...tinha um parlatório, grandioso, a gente se despedia e ali a gente já entrava no ritmo...Todos eram estranhas...tinha Cea, mas a gente não podia se falar. Mas aquilo não era estranho [...] (INÊS A. PEREIRA, 01/04/2008).

No universo disciplinar cotidiano também se dispunham códigos que se não eram de rompimento com a coerção, acabavam conduzidos também a partir de pequenas negações da força coercitiva. Pequenas resistências:

Eu tinha minhas escapulidas...quando todas terminavam de lavar o rosto eu aproveitava ajudava na sacristia, levava um pedacinho de vela pra depois do jantar ler... eu lia as lições [...] eram os escapes. Tudo era com bom humor não era com sacrifício não. Eu me distraia com isso (INÊS A. PEREIRA, 01/04/2008).

No universo de transição histórica dos paradigmas instrucionais, mesmo dentro das manutenções da tradição e da instrução rígida do *Ratio Studiorum* também estavam presentes métodos e signos que não eram propriamente confessionais. A condição de isolamento também acabava atingida por outras demandas. Essas representações estavam constituídas a partir da estrutura de ensino mesmo de um colégio confessional como o Santa Cristina.

Das salas adequadas ao ensino de biologia e física, disciplinas do *Canon* moderno, às diretrizes de funcionamento equiparadas ao Pedro II, muitos eram os signos da presença secular, mesmo dentro da *cidadela de Deus*. É de se observar a instalação dos cursos técnicos como outra demanda não-confessional para atender à reestruturação da economia pernambucana em processo de reerguimento após a bancarrota econômica de 1929.

Esse último aspecto, uma pista efetiva de um processo que se manifestava lento, mas firme: a inserção de cursos tais como Curso Normal Rural e o curso Comercial dentro de dois fenômenos da modernidade-secular, respectivamente. Um fenômeno que pode ser chamado de feminização do magistério (MACHADO, 1999, p.44-47), que dimensiona quiçá uma possibilidade limitada, mas real, da presença feminina na instrução como profissionais e não mais só como donas-de-casa.

Daí, inclusive uma ação no mundo externo à instituição Damas à medida que as alunas se formassem. Outra dimensão se manifestava atrelada à lenta conquista de postos de trabalho técnicos que chegavam a tornar possível a presença feminina em funções específicas, entre elas a de contadora. O confinamento no internato também não eliminava a possibilidade de contato das alunas com professores leigos, não necessariamente religiosos, como nos conta Consuelo Araújo, a primeira das três irmãs a serem matriculadas no Colégio Santa Cristina em meados de 1934, após ter estudado as primeiras letras no Colégio São José em Itabaiana:

Eu tive lá um professor muito bom. Costa Porto. Professor Costa Porto. Também muito conhecido no Recife. Tinha professores como Lea Ramos por exemplo. As internas do Auto Sertão procuravam Nazareth porque era o único colégio que tinha o **curso comercial**. [CONSUELO A. PEREIRA, 01/04/2008, grifos nossos]

A dimensão do ensino técnico estava atrelada à laicidade da formação profissional sem evidentemente romper com a *ordem confessional* disposta e o modelo franco-belga de instrução, hajam vistas as disciplinas da grade que postulavam um hibridismo entre a ordem disciplinar e normatizadora da congregação Damas e a necessidade de formação profissionalizante, mesmo para alunas oriundas das elites agrárias pernambucanas.

Consuelo Araújo recorda essa coexistência entre a instrução confessional e o universo laico profissionalizante a partir das disciplinas que eram ministradas no internato Santa Cristina no ano de 1934:

Era português, teve um tempo que era latim, francês, todas as aulas tinha francês, porque a congregação é Belga não é...biologia também, tudo dependia do curso...[...] É... o meu foi comércio...era tudo aqueles livros grandes para estudar...matemática...os professores **eram outros** [...] também tinha leigos e religiosas.Francês era pelas freiras (CONSUELO A. PEREIRA, 01/04/2008, grifos nossos)

Essa disposição era constitutiva da própria realidade contraditória que se manifestava: 1) na lenta transição da sociedade agrário-exportadora para uma moderna e urbana; 2) na manutenção de Vargas no poder e no formato da Constituinte de 1934, que tinha postulado um retorno da influência confessional na escola mesmo na sua declarada característica facultativa.

A Tradição, cristalizada nas escolas de confinamento e nas vivências prenes de hibridismos sócio-culturais nos moldes do que nos fala Canclini (1990, p.120-134) , se apegava, quisesse ou não, à modernidade. A possibilidade que criava esferas de um relacionamento difícil entre a mundanidade e a confessionalidade era exatamente disposta para a possibilidade de coexistências no âmbito da cultura escolar (JULIA, p.11-17) . Esta que vinha rompendo e, ao mesmo tempo, mantendo os signos da instrução no Brasil da década de 1930.

Considerações finais

Podemos observar que se torna marcante, ambigualmente, que apesar da dimensão secular e mundana ser combatida pela rigidez da esfera de instrução confessional-daí os sistemas teóricos analisados pelas historiografia para as instituições totais ou sociedades disciplinares - existem lastros dentro da complexidade dos internatos ainda não problematizados. Formadas pela tradição, mas dispostas para o novo mundo que se avizinhava para a condição feminina, estavam as internas exatamente no turbilhão da transição educacional.

Navegando entre a rigidez instrucional e o vislumbre de outras esferas de instrução-formação, são diversas as possibilidades de identificação de simbologias que não

necessariamente as de parte da historiografia educacional atual. Mesmo no *vigiar e punir* outras manifestações se definem para o discente *confinado*. A saber, Cimodocéa de Araújo tornou-se *educadora do campo* formada no Curso Normal Rural do Colégio-internato Santa Cristina, no ano de 1938; sua irmã, Consuelo Araújo Pereira, dois anos antes, formava-se como contadora no mesmo colégio; na transição para a década de 1940, após três anos interna, Inês Araújo Pereira fez a chamada admissão chegando ao curso de medicina na faculdade de Recife. Clinicou durante décadas no estado da Paraíba.